

LITERATURA NO ENEM

Secretaria de
Educação e Esportes



GOVERNO DO ESTADO

PERNAMBUCO

MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.

LITERATURA NO ENEM

Prezado(a) Estudante,

Com intuito de contribuir para suas aprendizagens durante este período de suspensão de aulas, estaremos postando indicações de Clássicos da Literatura bem como de Livros de grande circulação recente que ganharam o público leitor por abordarem temáticas em que haja identificação com juventudes, por estarem relacionadas ao contexto atual ou mesmo devido à grande divulgação da mídia impressa ou digital e por serem temas recorrentes no ENEM e vestibulares.

As indicações dessas Leituras serão acompanhadas por um texto apresentando a obra, suas características, o contexto de sua produção, alguns pontos de atenção que o(a) durante a leitura e reflexões que podem contribuir não só para o entendimento do material mas, sobretudo, provocar análises do contexto atual em diversos níveis da dimensão humana.

No retorno das aulas, você pode usar estas leituras para contribuir com os debates em sala de aula. Desejamos a você uma boa leitura!!!

A indicação do Livro de hoje é

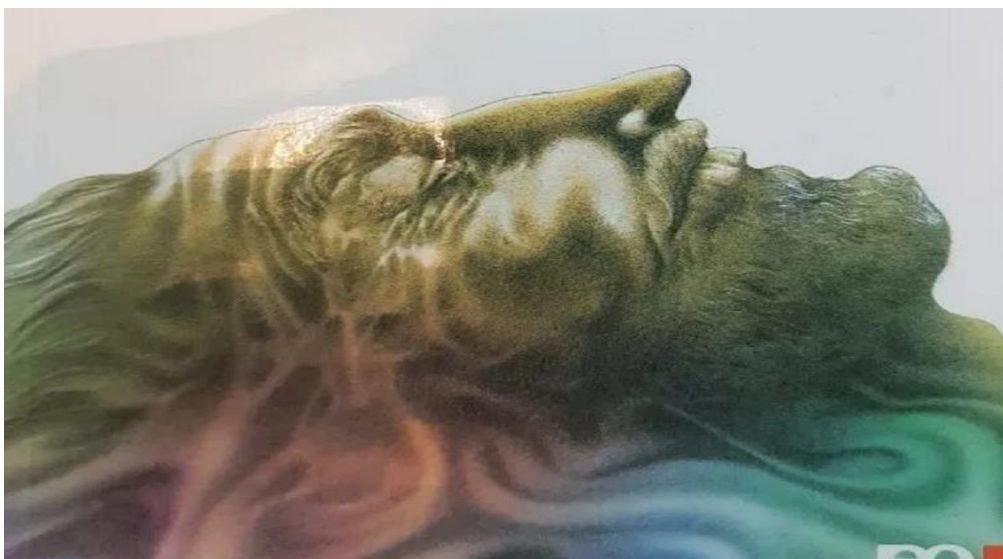


Imagem: <https://www.wook.pt/livro/memorias-postumas-de-bras-cubas-machado-de-assis/1456826>

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Esta obra completa está disponível em duas versões:

1. **Quadrinhos:** <https://literaturaufalarapiraca.files.wordpress.com/2018/01/hq-memorias-postumas-de-bras-cubas-machado-de-assis-11.pdf>
2. **Completa:** <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000167.pdf>

O contexto de sua produção

Publicado em 1881, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** é considerado um dos clássicos mais importantes da literatura brasileira. Escrito por **Machado de Assis**, a obra **realista** ganhou notoriedade porque o autor criou um narrador que resolve contar sua vida depois de morto. Desse modo, Machado de Assis muda radicalmente o panorama da literatura brasileira, além de expor de forma irônica os privilégios da elite da época.

A história é narrada em primeira pessoa e postumamente, ou seja, o narrador é um morto que resolveu escrever suas memórias. O próprio narrador, no início do livro, ressalta sua condição: trata-se de um defunto-autor, e não de um autor defunto. Isso consiste em afirmar seus méritos não como os de um grande escritor que morreu, mas de um morto que é capaz de escrever.

A temática central conduz o leitor a uma reflexão sobre a organização social da época que era nitidamente dividida. De um lado, os donos de escravos, urbanos e rurais, que constituíam a classe mandante do país, representados invariavelmente como políticos: ministros, senadores e deputados. De outro, a escravidão, responsável direta pelo trabalho e pelo sustento da nação e, por assim dizer, das elites. No meio, há uma classe média formada por pequenos comerciantes, funcionários públicos e outros servidores, que são dependentes e agregados dos favores dos grandes privilegiados.

Brás Cubas é um filho abastado da elite brasileira do século XIX. Ele começa a narrativa pela sua morte, descrevendo a cena do enterro, dos delírios antes de morrer, até retornar à sua infância, quando a narrativa segue de forma mais ou menos linear – interrompida apenas por comentários digressivos do narrador.

Os personagens da obra são basicamente representantes da elite brasileira do século XIX. Há, no entanto, figuras de menor expressão social, pertencentes à escravidão ou à classe média, que têm significado relevante nas relações sociais entre as classes. Assim, “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, além de seu enorme valor literário, funciona como instrumento de entendimento desse aspecto social de nossas classes.

Pontos de atenção

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um romance de Machado de Assis em que não há grandes feitos, não há um acontecimento significativo que se realize por completo. A obra termina, nas palavras do narrador, com um capítulo só de negativas: Brás Cubas não se casa; não consegue concluir o emplasto, medicamento que imaginara criar para conquistar a glória na sociedade; acaba se tornando deputado, mas seu desempenho é medíocre; e não tem filhos.

A força da obra está justamente nessas não-realizações, nesses detalhes. O leitor fica sempre à espera do desenlace que a narrativa parece prometer. Ao fim, o que permanece é o vazio da existência do protagonista. É preciso ficar atento para a maneira como os fatos são narrados. Tudo está mediado pela posição de classe do narrador, por sua ideologia.

Outro aspecto que chama a atenção é que a obra é apoiada em dois tempos: um é o tempo psicológico, do autor além-túmulo, que, desse modo, pode contar sua vida de maneira arbitrária, com digressões e manipulando os fatos à revelia, sem seguir uma ordem temporal linear; outro é o tempo cronológico, onde os acontecimentos obedecem a uma ordem lógica: infância, adolescência, ida para Coimbra, volta ao Brasil e morte.

O pacto de verossimilhança sofre um choque aqui, pois os leitores da época, acostumados com a linearidade das obras (início, meio e fim), veem-se obrigados a situar-se nessa incomum situação.

Refletindo sobre...

No contexto sócio-histórico da obra, observa-se a sociedade claramente dividida. No contexto atual, especialmente neste momento de isolamento social, percebe-se claramente que o papel social do trabalhador é imprescindível para a manutenção da estrutura social. Como podemos perceber o impacto da paralisação do comércio e da indústria na vida dos trabalhadores e na vida dos patrões?

Brás Cubas é abastado, mas sua história não apresenta grandes realizações. Após a leitura da obra, reflita um pouco sobre esse vazio da existência do protagonista da obra. Por que será que ele achou relevante contar a sua vida? Qual foi o propósito dele?

Se fosse você o autor de suas memórias, você faria em que ordem temporal: psicológica ou cronológica? Você pode registrar tudo isso em seu Diário de Bordo, especialmente as suas impressões sobre esse grande clássico da literatura mundial.

De olho no ENEM...

Você percebeu que disponibilizamos a obra em duas versões? A História em Quadrinhos é um resumo, ajuda a entender a obra de um modo geral. Mas a leitura na íntegra também é importante e oferece todos os detalhes que a HQ não consegue contar. Para quem está se preparando para o Enem ou o SSA (UPE), não vale perder essa leitura porque essa obra (**Memórias Póstumas de Brás Cubas**) além de ser uma obra recorrente nessas provas, traz muitos aspectos da obra de Machado de Assis e do **Realismo no Brasil**.

Memórias Póstumas de Brás Cubas também é um ótimo referencial para o nosso crescimento humano, pois nos faz refletir sobre a vida e o nosso papel na sociedade.

Abaixo, seguem questões anteriores do ENEM sobre a obra e outras relacionadas ao autor para você solucionar. Bons estudos!

Ficha técnica:

Data da primeira publicação: 1881

Autor: Machado de Assis

Gênero: Ficção

Idioma original: Língua portuguesa

Adaptação: site Domínio Público / 99 páginas.

HQ: Roteiro e ilustração – Sebastião Seabra (São Paulo: 2008)

Fontes:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/memorias-postumas-de-bras-cubas-analise-da-obra-de-machado-de-assis/>

QUESTÕES de ENEM:

1. (2010)

Quincas Borba mal podia encobrir a satisfação do triunfo. Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade. Eu fiz-lhe ainda algumas objeções, mas tão frouxas, que ele não gastou muito tempo em destruí-las. — Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem.

Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria viscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico.

Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executadas como o único fim de dar mate ao meu apetite.

(ASSIS, M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975)

A filosofia de Quincas Borba - a Humanitas - contém princípios que, conforme a explanação do personagem, consideram a cooperação entre as pessoas uma forma de:

- A) minimizar as diferenças individuais.
- B) erradicar a desigualdade social.
- C) lutar pelo bem da coletividade.
- D) estabelecer vínculos sociais profundos.
- E) atender a interesses pessoais.

2. (2013)

Capítulo LIV - A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tic-tac soturno, vagaroso e seco, parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida.

Imaginava então um velho diabo, sentado entre dous sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo.

O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há-de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exacta em que morre. Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhados.

(ASSIS, M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 - fragmento)

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque:

- A) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- B) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- C) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- D) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- E) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

3. (2014)

Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguíam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o déficit.

Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no seu amor aos filhos, e na dor que padeceu quando morreu Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única. Era tesoureiro de uma confraria, e irmão de várias irmandades, e até irmão remido de uma destas, o que não se coaduna muito com a reputação da avareza; verdade é que o benefício não caíra no chão: a irmandade (de que ele fora juiz) mandara-lhe tirar o retrato a óleo.

(ASSIS, M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992)

Obra que inaugura o Realismo na literatura brasileira, Memória póstumas de Brás Cubas condensa uma expressividade que caracterizaria o estilo machadiano: a ironia. Descrevendo a moral de seu cunhado, Cotrim, o narrador personagem Brás Cubas refina a percepção irônica ao:

A) *acusar o cunhado de ser avarento para confessar-se injustiçado na divisão da herança paterna.*

B) *atribuir a “efeito de relações sociais” a naturalidade com que Cotrim prendia e torturava os escravos.*

C) *considerar os “sentimentos pios” demonstrados pelo personagem quando da perda da filha Sara.*

D) *menosprezar Cotrim por ser tesoureiro de uma confraria e membro remido de várias irmandades.*

E) *insinuar que o cunhado era um homem vaidoso*

e egocêntrico, contemplado com um retrato a óleo.

4. (2014)

O Jornal do Comércio deu um brado esta semana contra as casas que vendem drogas para curar a gente, acusando-as de as vender para outros fins menos humanos. Citou os envenenamentos que tem havido na cidade, mas esqueceu de dizer, ou não acentuou bem, que são produzidos por engano das pessoas que manipulam os remédios. Um pouco mais de cuidado, um pouco menos de distração ou de ignorância, evitarão males futuros. Mas todo ofício tem uma aprendizagem, e não há benefício humano que não custe mais ou menos duras agonias. Cães, coelhos e outros animais são vítimas de estudos que lhes não aproveitam, e sim aos homens; por que não serão alguns destes, vítimas do que há de aproveitar aos contemporâneos e vindouros? Há um argumento que desfaz em parte todos esses ataques às boticas; é que o homem é em si mesmo um laboratório. Que fundamento jurídico haverá para impedir que eu manipule e venda duas drogas perigosas? Se elas matarem, o prejudicado que exija de mim a indenização que entender; se não matarem, nem curarem, é um acidente e um bom acidente, porque a vida fica.

(ASSIS, M. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1967)

No gênero crônica, Machado de Assis legou inestimável contribuição para o conhecimento do contexto social de seu tempo e seus hábitos culturais. O fragmento destacado comprova que o escritor avalia o(a):

A) *manipulação inconsequente dos remédios pela população.*

B) *uso de animais em testes com remédios desconhecidos.*

C) *fato de as drogas manipuladas não terem eficácia garantida.*

D) *hábito coletivo de experimentar drogas com objetivos terapêuticos.*

E) *ausência de normas jurídicas para regulamentar a venda nas boticas.*

5. (2014)

Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tomava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

(ASSIS, M. et al. *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977)

No fragmento desse conto de Machado de Assis, "ir ao teatro" significa "ir encontrar-se com a amante". O uso do eufemismo como estratégia argumentativa significa:

- A) exagerar quanto ao desejo em "ir ao teatro".
- B) personificar a prontidão em "ir ao teatro".
- C) esclarecer o valor denotativo de "ir ao teatro".
- D) reforçar compromisso com o casamento.
- E) suavizar uma transgressão matrimonial.

6. (2014)

E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi o meu grão pecado de juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram?

(ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974 -fragmento)

A repetição é um recurso linguístico utilizado para promover a progressão textual, pois indica entrelaçamento de ideias. No fragmento de romance, as repetições foram utilizadas com o objetivo de:

- A) marcar a transição entre dois momentos distintos da narrativa, o amor do narrador por Virgília e seu nascimento.
- B) tornar mais lento o fluxo de informações, para finalmente conduzir o leitor ao tema principal.
- C) reforçar, pelo acúmulo de afirmações, a ideia do quanto é grande o sentimento do narrador por Virgília.
- D) representar a monotonia, caracterizadora das etapas da vida do autor: a juventude e a velhice.

E) assegurar a sequenciação cronológica dos fatos representados e a precisão das informações.

7. (2016)

BONS DIAS!

14 de junho de 1889

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, – igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado.

(ASSIS, M. *Bons dias! (Crônicas 1885-1839)*. Campinas Editora da Unicamp, São Paulo: Hucitec, 1590)

O jornal impresso é parte integrante do que hoje se compreende por tecnologias de informação e comunicação. Nesse texto, o jornal é reconhecido como:

- A) objeto de devoção pessoal.
- B) elemento de afirmação da cultura.
- C) instrumento de reconstrução da memória.
- D) ferramenta de investigação do ser humano.
- E) veículo de produção de fatos da realidade.

8. (2016)

Esaú e Jacó

Ora, aí está justamente a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as ideias que deixarem, mas ainda um par de Lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trabalhos.

Se aceites a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

(ASSIS, M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964)

O fragmento do romance Esaú e Jacó mostra como o narrador concebe a leitura de um texto literário. Com base nesse trecho, tal leitura deve levar em conta:

- A) o leitor como peça fundamental na construção dos sentidos.*
- B) a luneta como objeto que permite ler melhor.*
- C) o autor como único criador de significados.*
- D) o caráter de entretenimento da literatura.*
- E) a solidariedade de outros autores.*

9. (2017)

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero [...]. Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

(ASSIS, M. *A causa secreta*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br Acesso em: 9 Out. 2015)

No fragmento, o narrador adota um ponto de vista que acompanha a perspectiva de Fortunato.

O que singulariza esse procedimento narrativo é o registro do(a)

- A) indignação face à suspeita do adultério da esposa.*
- B) tristeza compartilhada pela perda da mulher amada.*
- C) espanto diante da demonstração de afeto de Garcia.*
- D) prazer da personagem em relação ao sofrimento alheio.*
- E) superação do ciúme pela comoção decorrente da morte.*

GABARITO:

1. E
2. D
3. B
4. A
5. E
6. A
7. C
8. A
9. D